

# A saída de casa e o processo de autonomia em jovens universitários e seus pais

MANUELA FLEMING\* / ANA ISABEL AGUIAR\*\*

## INTRODUÇÃO

O processo evolutivo impõe naturalmente que em determinada altura, pelo menos nas sociedades ocidentais contemporâneas, ocorram separações na família motivadas pela autonomização dos filhos, que se separam dos seus pais, por razões que se prendem com a sua própria autonomia.

A separação da família provocada pela saída de casa dum filho, por razões escolares (ingresso na Universidade, por ex.) ou outras, constituem uma transição evolutiva importante na fase final da adolescência e entrada na adultícia.

A situação da saída de casa, envolvendo pais e filhos numa teia de afectos, por vezes contraditórios, constitui por si só um contexto privilegiado para a investigação que se debruça sobre o processo de separação-individação e o processo de autonomia, na fase final da adolescência.

A investigação que um de nós tem vindo a realizar nesta área (Fleming, 1983, 1986, 1988) tem posto em evidência a importância da qualidade do afecto que predomina na vinculação entre pais e adolescentes. Em artigo publicado neste mesmo número da revista PSICOLOGIA, demonstramos, tendo por base evidência empírica, a importância que tem a manutenção de um vínculo seguro (no

sentido de Bowlby) aos pais, para a capacidade de realização de comportamentos de autonomia na adolescência. Não abarcamos contudo nessa investigação o período etário que habitualmente se designa por jovens adultos, período durante o qual, sobretudo na população estudantil ocorre a saída de casa.

Quanto aos estudos de autores estrangeiros, verificamos que são em número bastante reduzido embora a importância do campo tenha vindo a aumentar.

A investigação, produzida sobretudo nos E.U.A., procura habitualmente examinar as reacções de estudantes universitários ao facto de viverem pela primeira vez fora de casa. Num estudo recente, Kenny (1986) encontrou uma associação positiva entre o relacionamento harmonioso com os pais e o bem estar psicológico na adolescência tardia, e entre sentimentos de proximidade com os pais e a competência social em contexto universitário. Evidência empírica anterior sugere também que os sentimentos de proximidade aumentam após a saída de casa (Sullivan e Sullivan, 1980, Pipp *et al.*, 1985).

Também a literatura clínica tem demonstrado a existência de uma relação entre as perturbações psicológicas e psiquiátricas (nomeadamente as dificuldades no estabelecimento de ligações íntimas fora do contexto familiar) do jovem adulto após a saída de casa e o processo de separação/individuação do adolescente (Elson, 1964, Stierlin *et al.*, 1971, Margolis, 1981).

\* Doutorada em Psicologia Médica, Professora Auxiliar no Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar (U.P.)

\*\* Licenciada em Psicologia e Ciências da Educação (U.P.)

No conjunto das investigações empíricas, salientam-se as abordagens recentes destinadas a identificar os componentes da separação pais-adolescentes (Moore e Hotch, 1981, 1983; Moore, 1987). Analisados em conjunto, os resultados destes estudos indicam que os adolescentes conceptualizam a separação como sendo composta por dimensões ou componentes distintos, relacionados por um lado com a vinculação e, por outro lado, com a autonomia. Assim, se os adolescentes creem ser necessária uma certa distância física e emocional dos pais, as dimensões psicológicas associadas à aquisição de autonomia aparecem como sendo os indicadores mais importantes da separação. É curioso notar, sobretudo, a convergência existente entre a diferenciação e avaliação dos componentes da separação por parte dos adolescentes e o tratamento deste assunto na literatura, indicativa de que comportamentos aparentemente independentes, como a separação física e emocional dos pais, não são necessariamente indicativos, por si sós, de separação intrapsíquica ou de individuação (Josselson, 1980).

Num estudo anterior, por nós realizado, procurámos captar a forma como rapazes e raparigas estudantes do ensino secundário com mais de 17 anos representam a saída de casa. Os resultados desta investigação, (Fleming, M., 1985) permitiram-nos constatar a dificuldade destes adolescentes em representarem a saída de casa, descrita num contexto familiar conflitual, movida antes de mais pelo desejo de aquisição de autonomia mas num contexto de grande reserva quanto ao sucesso da saída e prevendo a possibilidade dum retorno a casa. Identificámos neste trabalho dois modelos representacionais: o da *aventura* e o do *filho pró-digo*.

O presente estudo tem por objectivo uma análise adicional e mais profunda das representações da saída de casa, numa amostra mais ampla de estudantes universitários de ambos os sexos, na fase final da adolescência e início da idade adulta.

Procurou-se ainda analisar a eventual associação entre a representação da saída de casa por parte dos adolescentes e jovens adultos e as expectativas dos seus pais, face à saída de casa dos filhos. Com efeito, estudos anteriores puseram em evidência uma maior autonomia nos adolescentes cujos pais têm expectativas positivas quanto às capacidades de sucesso na separação (Murphey *et*

*al.*, 1963; Stierlin *et al.*, 1971). Estes resultados estimularam-nos a introduzir esta variável no nosso estudo no sentido de captar uma eventual relação entre o imaginário dos Pais e o imaginário dos filhos sobre a saída de casa.

Se, como dissemos atrás, a saída de casa se inscreve naturalmente no decurso dos acontecimentos do ciclo de vida, ela é, no entanto, na nossa perspectiva, um acontecimento com uma ressonância interna intensa e necessariamente dolorosa, porque ele próprio inserido num contexto psicológico mais vasto de separação: a separação dos objectos primitivos — de amor e ódio — e porque também ele uma separação física dos pais reais e, como tal, reactivador de vivências infantis de separação do objecto materno.

É esta ressonância interna que pretendemos abordar neste trabalho, tendo por base o conhecimento produzido pela investigação teórica e clínica de orientação psicanalítica.

Assim sendo, optámos por uma metodologia que nos permitisse captar, por projecção, o imaginário associado à antecipação da saída de casa e que passamos a descrever.

## METODOLOGIA

Cento e cinquenta e seis (156) estudantes universitários de ambos os sexos (71 rapazes e 85 raparigas) constituíram a amostra de investigação, construída segundo critérios rigorosos de representatividade do universo dos estudantes universitários residentes no concelho de Matosinhos.

Os sujeitos, com idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos, distribuíam-se do seguinte modo em termos etários: 77 tinham entre 18 e 21 anos, e 79 tinham entre 22 e 25 anos.

Foi pedido aos jovens, em condições de total anonimato, que imaginassem uma história passada com alguém da sua idade que sai de casa, se separa dos pais e vai viver para um sítio diferente. Era pedido aos respondentes que incluíssem na sua história as razões da saída de casa, o que aconteceu no passado e o que acontecerá no futuro desse jovem.

Operacionalizada deste modo a situação experimental, as histórias foram tratadas através de uma *análise de conteúdo*, segundo as categorias de análise seguintes: (1) o contexto relacional e moti-

vacional da saída, (2) a atribuição de sucesso ou fracasso após a saída, e (3) a vivência afectiva da situação.

O estudo relativo à eventual associação entre a representação, por parte dos filhos, do contexto relacional pais-filhos em que ocorre a saída de casa e as expectativas de ambos os progenitores face a esta, baseou-se nos dados obtidos através da administração, aos pais dos adolescentes da nossa amostra, de um questionário construído pela primeira autora relativo às suas expectativas face à saída de casa dos filhos. A amostra para esta segunda etapa do estudo consistiu em 130 pais, 130 mães e 130 filhos.

## RESULTADOS

Os resultados como dissemos resultam da quantificação de categorias de resposta estabelecidas pelos autores e têm por base a análise do conteúdo das histórias recolhidas.

### 1. Representações da saída

A primeira categoria de análise, o contexto relacional e motivacional da saída, permitiu-nos apurar o seguinte:

– Do total da amostra, 40% (ou seja, 62 sujeitos) descrevem a saída num contexto relacional pais-filhos sem conflitos, ao passo que 56.4% (88 sujeitos) a descrevem num contexto conflitual com os pais (Quadro 1).

– Predominam no entanto aqueles que referem como motivo para a saída questões relacionadas com a afirmação de autonomia: 62% do total da amostra, ou seja, 96 sujeitos; 54 sujeitos (35% do total da amostra) descrevem uma saída em reacção ao contexto de alta conflitualidade com os pais, e os restantes 6 sujeitos referem outros motivos (Quadro 2).

Relativamente aos tipos de conflito mais frequentemente evocados pelos jovens salientam-se o «desentendimento com os pais», o «mau ambiente

QUADRO 1

*Representações da saída de casa: conflitual vs não-conflitual*

		Saída em situação de conflito com os pais		Saída não conflitual		N.R.	
Sexo	N	n	%	n	%	n	%
Masc.	71	42	27	28	18	1	1
Fem.	85	46	29	34	22	5	3
Ambos	156	88	56	62	40	6	4

QUADRO 2

*Representações da «saída de casa»: motivações.*

Motivações para a saída	n	%
Por Rejeição do Meio Familiar	54	35
Por Desejo/Afirmação de Autonomia	96	62
Por outros motivos	6	4
Total	156	100

em casa», e o «conflito de gerações». Também evocados, mas menos frequentemente, são os conflitos relacionados com as «diferentes concepções de vida» e a «incompreensão».

O grupo dos rapazes e das raparigas não diferem significativamente nesta primeira categoria de análise ( $\chi^2 (1) = 0.1$ ;  $p > 0.05$ ).

As diferenças encontradas ao nível das respostas dos 2 grupos etários que distinguimos (18-21 anos e 22-25 anos) não são, também, estatisticamente significativas (Quadro 3:  $\chi^2 (1) = 2.94$ ;  $p > 0.05$ ).

A segunda categoria de análise, a que chamamos o «Out-put» da acção, procura captar a atribuição de sucesso, fracasso, ou reserva quanto ao futuro após a saída de casa, no imaginário dos jovens da nossa amostra:

– do total da amostra, 43% (67 sujeitos) tem uma antevisão de sucesso total. 29% adoptam uma posição de grande reserva quanto ao futuro, e apenas

15% vaticinam o insucesso após a saída de casa (Quadro 4).

Tomando apenas as subcategorias de análise «sucesso» e «fracasso» do out-put da acção verificase uma vez mais não serem estatisticamente significativas as diferenças ( $\chi^2 = (g.l. 1) 3.79$ ;  $p > 0.05$ ), entre o grupo dos rapazes e das raparigas, ou entre os dois grupos etários ( $\chi^2 (g.l. 1) = 0.026$ ;  $p > 0.05$ : Quadro 5).

Relativamente à terceira e última categoria de análise, os estados afectivos associados à saída, verificou-se o seguinte:

– 16% dos sujeitos da amostra exprimem um envolvimento afectivo positivo associado à saída (sentimentos de bem estar, felicidade, tranquilidade, auto-realização, sentimentos positivos associados a uma melhoria no relacionamento com os pais).

QUADRO 3

*Representações da «saída de casa» distinguindo os grupos etários*

		Saída em situação de conflito com os pais		Saída não conflitual		N.R.	
Idade	N	n	%	n	%	n	%
18-21 anos	77	48	31	25	16	4	3
22-25	79	40	26	37	24	2	1

QUADRO 4

*Representações de sucesso/insucesso relativas à «saída de casa».*

		Sucesso		Reserva		Fracasso		N.R.	
Sexo	N	n	%	n	%	n	%	n	%
Masc.	71	35	22	18	12	7	4	11	7
Fem.	85	32	21	27	17	17	11	9	6
Ambos	156	67	43	45	29	24	15	20	13

– 13% exprimem um envolvimento afectivo negativo (sentimentos de solidão, insegurança, remorso e saudade).

– 10% exprimem sentimentos ambivalentes, associados à saída (Quadro 6).

Tomando apenas as subcategorias de análise «sentimentos positivos» e «sentimentos negativos» os resultados representados nos quadros 6 e 7 revelam-nos também não serem significativamente diferentes as respostas dos rapazes e das raparigas ( $\chi^2 = 3.38$ ;  $p > 0.05$ ), ou dos diferentes grupos etários ( $\chi^2 = 1.01$ ;  $p > 0.05$ ), quanto aos estados afectivos associados à saída ( $\chi^2 = 1.01$ ;  $p > 0.05$ ).

## 2. Expectativas parentais quanto à saída de casa dos filhos

Um segundo objectivo da nossa investigação consistia, como já referimos, em analisar a even-

tual relação entre a representação da saída de casa por parte dos adolescentes e as expectativas dos seus pais, face à saída de casa dos filhos. Para tal, foi administrado a 130 pais e 130 mães dos jovens, que constituíram a nossa amostra, um questionário construído pela autora relativo às suas expectativas perante a eventualidade de saída de casa dos filhos.

De acordo com os resultados, descritos no Quadro 8, podemos constatar que predominam nitidamente, quer no grupo de pais quer no grupo de mães, os sujeitos que referem uma expectativa positiva face à saída de casa dos seus filhos.

Quando associados à representação da saída por parte dos filhos, estes resultados revelam-nos, curiosamente, ser superior a percentagem de pais que referem expectativas positivas quando os jovens representam a saída de casa num contexto conflitual com os pais.

Estes os resultados da nossa investigação. Passemos agora à sua discussão.

QUADRO 5

*Representações de sucesso/insucesso relativas à «saída de casa» distinguindo os grupos etários.*

		Sucesso		Reserva		Fracasso		N.R.	
Idade	N	n	%	n	%	n	%	n	%
18-21 anos	77	35	22	22	14	13	8	7	4
22-25 anos	79	32	21	23	15	11	7	13	8

QUADRO 6

*Coloração afectiva atribuída à «saída de casa».*

		Sentimentos Positivos		Sentimentos Negativos		Ambivalência		N.R.	
Sexo	N	n	%	n	%	n	%	n	%
Masc.	71	13	8	5	3	3	2	50	32
Fem.	85	12	8	15	10	12	8	46	29
Ambos	156	25	16	20	13	15	10	96	61

QUADRO 7

*Coloração afectiva atribuída «saída de casa» distinguindo os grupos etários.*

		Sucesso		Reserva		Fracasso		N.R.	
Idade	N	n	%	n	%	n	%	n	%
18-21 anos	77	15	10	9	6	11	7	42	27
22-25 anos	79	10	6	11	7	4	3	54	35

QUADRO 8

*Expectativas parentais face à saída de casa dos filhos.*

		Representação da saída pelo adolescente			
		Conflitual		Não conflitual	
	Expectativa	n	%	n	%
Mãe	E. Posit.	75	58	47	36
	E. Neg.	1	1	7	5
Pai	E. Posit.	73	56	50	38
	E. Neg.	31	2	4	3

## DISCUSSÃO. CONCLUSÕES

Para lá dos factores de realidade externa envolvidos, interpretamos a fantasia do conflito como suporte à ideia da separação, presente em mais de metade dos jovens, num registo de conflitualidade interna.

Com efeito a situação concreta de «saída de casa» coloca o jovem, e duma forma abrupta, perante o conflito: por um lado, o desejo de sair enquanto afirmação de autonomia e quebra dos laços de dependência, por outro lado a ameaça que é ter de os deixar, ter de separar-se de figuras de protecção.

Então, é como se esses jovens só conseguissem imaginar ou representar-se a situação como algo conflituoso, dramático, que apenas ocorre por-

que o ambiente familiar se torna insuportável e é necessário rejeitá-lo.

Ao representarem-se a saída num contexto de conflito com os pais, a separação não seria tanto o resultado da iniciativa do jovem (agente activo) mas seria mais a reacção a um ambiente familiar hostil: de agente activo converte-se em sujeito passivo e a saída pode ser vivida com menos culpa e com menos sentimento de deslealdade para com os pais.

Não é porém, como indicam os resultados, a reacção a um contexto de alta conflitualidade com os pais, e consequente rejeição do meio familiar, a principal motivação, para a saída de casa. Pelo contrário, predominam aqueles que referem como motivo para a saída de casa questões exclusivamente relacionadas com a afirmação de auto-



nomia. Estes resultados são consistentes com os encontrados por outros autores, nomeadamente Moore e Hotch (1983) os quais referem que, a um nível pessoal, as dimensões psicológicas relacionadas com o ganho de autonomia (diminuição do controlo paternal, tomar as próprias decisões, fazer as coisas por si, e sentir-se suficientemente maduro) são na adolescência tardia, os principais componentes da separação dos progenitores.

Consideramos, pois, que a maior percentagem dos jovens do nosso estudo se representam o processo de separação enquanto conquista de autonomia face aos progenitores. Só assim se poderá também explicar a antevisão de sucesso total após a saída de casa por parte da maioria dos jovens da nossa amostra.

Paralelamente, parece-nos importante salientar, relativamente ao envolvimento afectivo positivo associado à saída, as referências aos sentimentos associados a um melhor relacionamento com os pais. Este resultado é consistente com os resultados encontrados por outros autores, por nós já referidos: sentimentos de maior proximidade com os pais aumentam após a saída de casa (Sullivan & Sullivan, 1980; Pipp et al., 1985). Esta conexão positiva à família, associada à aquisição de autonomia, caracteriza como vimos o desenvolvimento psicossocial adolescente saudável. Como referem Giami et al. (1987) «a saída, longe de significar uma ruptura, é marcada pelo deslocamento das transacções que reactivam os processos de comunicação, como se, a um dado momento, a saída aparecesse como indispensável para a manutenção das relações».

Considerando que a aquisição de autonomia, encarada como principal motivação na representação da saída de casa, denota um movimento com vista a um status adulto e aumento de responsabilidade, e que o efeito dos «life-events» normativos são mediadas pela construção individual do carácter e do significado do acontecimento (Moore, 1987), podemos considerar que estes jovens estão em condições de experienciar um processo de separação bem sucedido — no sentido em que esta representação da saída, não implicando uma dissociação ou ruptura emocional com os pais, denota a preponderância dos sentimentos de separação e controlo pessoal sobre as suas vidas, necessários à construção de uma identidade própria e à adaptação psicossocial.

Os resultados do estudo relativo às expectativas dos pais face à saída dos filhos, revelou-nos predominarem nitidamente, os pais que referem uma expectativa positiva face à saída dos filhos, independentemente do modo como estes últimos se representam a saída de casa.

A grande homogeneidade de respostas encontradas nos Pais (apenas 6% de Pais e 5% de Mães têm uma expectativa negativa) leva-nos a tomar em consideração alguns factores.

De entre os factores que poderão explicar os resultados encontrados, salientam-se, por um lado, a possibilidade de o questionário utilizado para medir as expectativas dos pais não ser suficientemente discriminativo, e, por outro lado, a possibilidade de homogeneidade das respostas dos pais se dever à homogeneidade da própria amostra utilizada neste estudo — sendo todos os sujeitos jovens estudantes já universitários, e portanto de algum modo já sucedidos.

Comparando estes resultados com os obtidos na primeira investigação (Fleming, 1986), destinada a analisar a representação da saída de casa numa amostra de adolescentes a frequentar o ensino secundário, poderíamos dizer que prevalecem, no actual como no estudo anterior, aqueles que concebem a saída num contexto de alta conflitualidade com os pais, embora no presente estudo seja superior a percentagem de sujeitos capazes de imaginar a saída num contexto relacional sem conflitos.

Por outro lado, enquanto que 64% do total da amostra do primeiro estudo imaginaram uma saída por rejeição do meio familiar, a maior parte dos jovens universitários imaginam já uma saída cuja motivação principal se prende exclusivamente com questões relacionadas com a afirmação de autonomia.

Tomados em conjunto, os resultados revelam também uma grande diferença quanto ao modo como os jovens das duas amostras fantasiam o futuro após a saída de casa: a maioria dos jovens universitários antevê um sucesso total para o herói das suas histórias, ao passo que a maioria dos jovens e do ensino secundário fantasiam um futuro negro ou adoptam uma posição de grande reserva, acentuando as dificuldades. Tal como no estudo anterior, estão igualmente representados nas respostas dos jovens universitários os factores de sucesso/insucesso de ordem externa (emprego, formação)

e os de ordem interna (personalidade, esforço, persistência, preparação para a vida).

Os resultados atrás descritos para a terceira e última categoria de análise diferem, uma vez mais, dos encontrados para a amostra dos estudantes do ensino secundário: enquanto que aí predominavam os afectos negativos, a maior parte dos protagonistas das histórias dos estudantes universitários associam a saída a um envolvimento afectivo positivo.

Em suma, tornou-se-nos evidente, de acordo com os resultados das duas investigações, que a maioria dos jovens concebem a saída num contexto de alta conflitualidade com os pais, como se lhes fosse difícil representá-la num ambiente não conflitual que os obrigaria a assumirem-se como os principais agentes dessa separação. Subjacente a esta dificuldade estarão, sobretudo, dificuldades ao nível da desidealização dos progenitores, que uma vez transformados em «maus pais» facilitam o processo de separação, necessariamente doloroso devido à persistência, pelo menos durante a adolescência tardia, de fortes vínculos e dependências afectivas aos pais.

Serão no entanto de salientar as diferenças encontradas na forma como os adolescentes das duas investigações se representam a saída de casa: movidas antes de mais pelo desejo de aquisição de autonomia, predominam entre os respondentes da actual investigação aqueles que associam à saída não só uma antevisão de sucesso total como um envolvimento afectivo positivo.

Como interpretar as diferenças encontradas?

É provável, por um lado, que o modo como os indivíduos elaboram o significado da separação esteja relacionado com a idade. Porém, mais importante do que o factor idade, parece-nos ser o facto de estes adolescentes constituírem certamente, devido à sua formação, uma população privilegiada no que respeita a um dos principais problemas que atinge a juventude em geral, o problema do desemprego. A expectativa de uma maior segurança e definição face ao futuro, corresponde certamente um maior sentimento de capacidade para manter um controlo efectivo sobre a sua vida e destino. Consequentemente, o adolescente elabora a separação de um modo mais positivo, enfatizando o que é ganho mais do que o que é perdido: bem estar, auto-realização, melhor relacionamento com os pais...

Se aceitarmos que o modo como o adolescente elabora o significado e carácter da saída de casa influencia o modo como assimila a sua experiência do processo de separação, nas suas relações com os pais e no seu auto-conceito em desenvolvimento (Moore, 1987), poderemos dizer que estes adolescentes estão em vantagem, em relação aos anteriores, para poderem vivenciar o processo de separação como concretização de uma experiência desejada de autonomia.

## BIBLIOGRAFIA

- ELSON, M. (1964) — «The reactive impact of adolescent and family upon each other in separation». *Child Psych.* 3, 697-708.
- FLEMING, M. (1983) — «A separação adolescente/progenitores». *Análise Psicológica*, 4 (III), 521-542.
- FLEMING, M. (1986) — «Imaginário Adolescente sobre a Saída de Casa». *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 4, Dez., 133-142.
- FLEMING, M. (1988) — «A Autonomia Comportamental e as Percepções das Atitudes Parentais na Adolescência». Dissertação de Doutoramento, ICBAS, Universidade do Porto.
- FLEMING, M. — *Adolescência e Autonomia*. Porto, Ed. Afrontamento (no prelo).
- GIAMI, A., BERTHIER, F. (1987) — «Emprise et degagement de la famille d'origine: post-adolescents ou jeunes adultes?». *Bulletin de Psychologie*, XL, 382, 849-856.
- JOSSIELSON, R. (1980) — «Ego Development in Adolescence», in Adelson J. (ed.), *Handbook of Adolescent Psychology*, N.Y., Wiley.
- KENNY, M. E. (1986) — «The extent and junction of parental attachment among first year college students». *Journal of youth and Adolescence*, 16, 1, 17-29.
- MARGOLIS, G. (1981) — «Moving Away: Perspectives on Counseling Anxious Freshmen». *Adolescence*, XVI, 63, 633-640.
- MOORE, D. (1987) — «Parent-adolescent separation: the construction of adulthood by late adolescents». *Developmental Psychology*, 23, 2, 298-307.
- MOORE, D., HOTCH, D. F. (1981) — «Late Adolescents' conceptualisations of home-leaving». *J. of Youth Adolescence*, 10, 1, 1-10.
- MOORE, D., HOTCH, D. F. (1985) — «The importance of different home-leaving strategies to late adolescents». *Adolescence*, XVIII, 70, 413-416.
- MURPHEY, E. B., SILBER, E., COELHO, G. V., HAMBURG, D. D., GREENBERG, I. (1963) — «Development of autonomy and parent-child inter-



action in late adolescence». *Am. J. Orthopsych.*, 33, 643-652.

PIPP, S., SHAVER, P., JENNINGS, S., LAMBORN, S., FISCHER, K.W. (1985) — «Adolescents' theories about the development of their relationships with parents». *J. of Personality and Social Psychology*, 48, 4, 991-1001.

STIERLIN, H., LEVI, L., SAVARD, R.J. (1971) — «Parental perceptions of separating children». *Family Process*, 10, 411-427.

SULLIVAN, K., SULLIVAN, A. (1980) — «Adolescent-parent separation». *Developmental Psychology*, 16, 2, 93-99.

## RESUMO

*Os autores debruçam-se sobre a questão da saída de casa, a partir da representação dos jovens e dos seus pais, enquadrando-a na problemática teórica do Processo de Separação-Individuação e do Processo de Autonomia na adolescência. A partir de uma amostra de jovens e*

*seus pais, procedeu-se à Análise de Conteúdo de histórias contadas pelos filhos e à análise de um questionário administrado ao Pai e à Mãe. Os resultados apontam para uma fantasia de conflitualidade na relação pais-filhos aquando da saída, num contexto de luta pela autonomia sendo a antevisão de sucesso. Os resultados são discutidos à luz da teoria psicanalítica, enfatizando-se o conflito interno entre o desejo de dependência-ligação e o desejo de autonomia-separação.*

## RÉSUMÉ

*La recherche s'insère dans la problématique du Processus de Séparation-Individuation Adolescent et sa relation avec l'Autonomie et apporte évidence empirique sur la question du home-leaving. Atravers l'analyse de contenu des histoires racontées par les jeunes et des réponses de leurs parents, les auteurs mettent en évidence des conflits psychiques liées à la séparation physique et psychologique entre les parents et leur fils universitaires.*